

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

NÚMERO 6, 2020
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

DIRETOR

Rui Gama | diretor.letras@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

DIREÇÃO EXECUTIVA

COORDENADORA:

Rita Marnoto | rmarnoto@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ADJUNTOS:

Isabel Mota | ifmota@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

João Luís Fernandes | jfernandes@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Beatriz Marques | beatrizmarques@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

SECRETÁRIA:

Carla Rosa | gapci@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

CONSELHO CIENTÍFICO

Abel Barros Baptista | abelbb2@gmail.com

Universidade Nova de Lisboa

Agustín Serrano de Haro | agustin.serrano@cchs.csic.es

Universidade Complutense de Madrid

Albano Figueiredo | afigueiredo@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ana Gabriela Macedo | gabriellam@ilch.uminho.pt

Universidade do Minho

António Manuel Martins | amm.fluc@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

António Martins da Silva | ams@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

António Sousa Ribeiro | asr@ces.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ataliba Teixeira de Castilho | ataliba@uol.com.br

Universidade de São Paulo

Carlos Reis | c.a.reis@mail.telepac.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Christian Möckel | MoeckelC@philosophie.hu-berlin.de

Universidade Humboldt de Berlim

Diederik Meijer | d.j.w.meijer@arch.leidenuniv.nl

Universidade de Leiden

Domingo González Lopo | domingoluis.gonzalez@usc.es

Universidade de Santiago de Compostela

Eliás Sanz Casado | elias@bib.uc3m.es

Universidade Carlos III de Madrid

Étienne Nel | etienne.nel@otago.ac.nz

Universidade de Otago

Fátima Velez de Castro | velezcastro@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Fernanda Delgado Cravidão | cravidao@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Fernando José de Almeida Catroga | fcatroga@hotmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Francisco Javier Pizarro Gómez | jpizarro@unex.es

Universidade de Extremadura, Cáceres

Francisco Oliveira | foliveir@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Gilles Gauthier | gilles.gauthier@com.ulaval.ca

Universidade do Québec, Montréal

Gustavo Cardoso | gustavo.leitao.cardoso@gmail.com

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa –

Instituto Universitário de Lisboa

Isabel Vargues | ivargues@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

João Lima de Sant'Anna Neto | jlsn57@uol.com.br

Universidade Estadual Paulista

Jordi Tresseras | gestiocultural@ub.edu

Universidade de Barcelona

Jorge de Alarcão | jorge.alarcao@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

José Antonio Frías | frias@usal.es

Universidade de Salamanca

José Augusto Cardoso Bernardes | augusto@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

José Augusto Guimarães | guima@marilia.unesp.br

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Lucinda Fonseca | fonseca-maria@campus.ul.pt

Universidade de Lisboa

Lúcio Sobral da Cunha | luciogeo@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Luísa Trindade | trindade.luisa@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Marc Lits | marc.lits@uclouvain.be

Universidade Católica de Louvain

Márcio Moraes Valença | marciovalenca10@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria del Carmen Paredes | paredes@usal.es

Universidade de Salamanca

Maria Helena da Cruz Coelho | coelhomh@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Miguel Bandeira | bandeira@ics.uminho.pt

Universidade do Minho

Pavel Szobi | pavel.szobi@vse.cz

Universidade de Economia de Praga

Pedro Aullón de Haro | p.aullondeharo@gmail.com

Universidade de Alicante

Peter Andersen | peter.andersen@uib.no

Universidade de Bergen

Roberto Gigliucci | roberto.gigliucci@uniroma1.it

Universidade de Roma, La Sapienza

Rui Pedro Julião | rpj@fch.unl.pt

Universidade Nova de Lisboa

Soterraña Aguirre Rincón | sore.aguirre@gmail.com

Universidade de Valladolid

Teresa Seruya | t.seruya@letras.ulisboa.pt

Universidade de Lisboa

Thomas Earle | thomas.earle@mod-langs.ox.ac.uk

St. Peter's College, Oxford

Viriato Soromenho Marques | viriatosmarques@netcabo.pt

Universidade de Lisboa

Vitor Oliveira Jorge | vojorge@clix.pt

Universidade do Porto

REVISÃO DE INGLÊS

Rosa Bandeirinha, Samuel Alexandre

REVISÃO DE PROVAS

Carla Rosa

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

6 ARQUÉTIPO

NÚMERO 6, 2020
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Rua da Ilha, 1 - 3000-214 Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

DESIGN

Carlos Costa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

ISSN

0870-4112

ISBN Digital

2183-7139

DOI

<https://doi.org/???>

DEPÓSITO LEGAL

1401/82

PERIODICIDADE Anual • TIRAGEM 100 ex.

Biblos. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* está indexada no European Reference Index for the Humanities (ERIH Plus), SCOPUS, WEBof SCIENCE, Directory of Open Access Journals (DOAJ), Dialnet e ANVUR

[HTTPS://IMPACTUM.UC.PT/EN/CONTENT/REVISTA?TID=28707&ID=28707](https://impactum.uc.pt/en/content/revista?TID=28707&ID=28707)

[HTTP://WWW.UC.PT/FLUC/INVESTIGACAO/BIBLOS](http://www.uc.pt/fluc/investigacao/biblos)

© JULHO, 2020

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PROPRIEDADE • CONTACTOS • SEDE DE REDAÇÃO

Biblos. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

Gabinete de Apoio a Projetos e Centros de Investigação. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Largo da Porta Férrea • 3004-530 Coimbra (Portugal)

Telef. 239 859984 • gapci@fl.uc.pt

SUMÁRIO

Arquétipo	9
A pluralidade da “Terra Bíblica”: construção e reconstrução de um arquétipo <i>Sofia Cardetas Beato</i>	13
Quilombos no Brasil, uma condição geopolítica de confinamento e resistência aos arquétipos territoriais dominantes: o caso de Helvécia no Extremo Sul da Bahia <i>Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira-Neto</i>	29
A entidade sobrenatural da água <i>José d’Encarnação</i>	55
A forma cancionero petrarquiana como arquétipo <i>Rita Marnoto</i>	71
La transmisión textual de la traducción castellana medieval del <i>Decameron</i> : consideraciones sobre el arquétipo, el antígrafo y el modelo subyacente <i>David González Ramírez</i>	93
Visão social e humana da ciência da informação: compreender o passado para construir o futuro <i>Maria Beatriz Moscoso Marques, Liliana Isabel Esteves Gomes</i>	119
Los recursos del entorno socio-cultural y la utilización del presente en las aulas de Historia de España <i>Nicolás Martínez-Valcárcel, Ramón García-Marín, Martha Ortega-Roldán</i>	147
Arquétipos e paisagens. Simulacros e anatópias geográficas nos territórios contemporâneos de consumo, lazer e turismo <i>João Luís Fernandes</i>	169

<i>Cruzamentos</i>	
Perfeição	195
<i>Ana Marques Gastão</i>	
<i>Entrevista</i>	
Arquétipo: a utopia como horizonte	201
<i>Guilherme d'Oliveira Martins</i>	
<i>Recensões</i>	
Marco Santagata. Boccaccio. Fragilità di un genio	215
<i>Rita Marnoto</i>	
Movilidad, interacciones y espacios de oportunidad entre Castilla y Portugal en la Edad Moderna	219
<i>Anxo Anxo Rodríguez Lemos</i>	
Simone Guidi. L'angelo e la macchina. Sulla genesi della <i>res cogitans</i> cartesiana	225
<i>Emanuele Landi</i>	
Adília Alarcão. De Paço a Museu. Um edifício singular	229
<i>José d'Encarnação</i>	
Playing the field. Video games and American studies.	235
<i>Despoina Nikolaos Feleki</i>	
<i>Próximo número</i>	
Dissidências.	243

6

ARQUÉTIPO

ARQUÉTIPO

Este 6.º número da 3.ª série de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* apresenta um conjunto de contributos dedicado ao tema do arquétipo. Ideia e/ou imagem simbólica de um modelo (gr. *typos*) primordial (gr. *arke*), o arquétipo infiltra tão profundamente a história da humanidade, numa translação entre tempos, lugares e culturas, que condensa um dos esteios que mais firmemente sustém a relação do ser humano com o mundo. Se, por um lado, pode ser alvo das interrogações que se colocam a qualquer categoria universal, por outro lado, potencia conceptualizações e práticas que favorecem uma dinâmica integradora e aberta à transformação. Nessa medida, a articulação entre o *typos* e as suas realizações contempla um leque de declinações dotado de uma extraordinária riqueza.

Na secção inicial de Artigos, são tratados temas que vão da antropologia cultural, da história das religiões ou da geo-antropologia, até à crítica textual, à ciência da informação, à didática, à geografia da paisagem ou à anatópia. Ao contributo criativo de Ana Marques Gastão, na secção Cruzamentos, segue-se a Entrevista de Guilherme d'Oliveira Martins, "Arquétipo: a utopia como horizonte", conduzida por Ana Teresa Peixinho.

Abre o volume o artigo que é dedicado ao arquétipo da Terra Bíblica por Sofia Cardetas Beato, no quadro do universo da história das religiões e sob o ponto de vista teórico-teológico. Canaã, Fenícia e Filisteia e Terra de Israel são os lugares destacados, no seio de um agregado conceptual que abrange vários espaços de diferenciação e de interação. A partir de textos bíblicos e extrabíblicos, a investigadora indaga valências de ordem social, política, geográfica e religiosa que convocam diversas culturas. O arquétipo que lhes está subjacente compreende, pois, uma dinâmica integradora de lugares e memórias, caracterizando espaços nem sempre convergentes com a actual geografia política.

Por sua vez, o conceito de arquétipo convoca um padrão geo-antropológico que Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira-Neto considera imposto à comunidade não homogénea de Helvécia, o distrito, situado no extremo sul da Bahia, cujas populações são maioritariamente descendentes de quilombos. O estudioso

do Instituto Federal da Bahia apresenta as transformações em ato nessa localidade, para problematizar a cultura quilombola e, concomitantemente, os termos em que é exercido o poder político-administrativo, económico e de pertença. Por essa via, mostra como o contraponto entre rural e urbano, entre descendente de quilombola e de colonizador ou entre visões diferenciadas da comunidade de Helvécia deixa hiatos, camuflados por um relacionamento multipolar infiltrado pelo capitalismo internacional.

As águas, as suas virtudes sobrenaturais, os seus benefícios salutíferos e o seu culto são a matéria sobre a qual se detém José d'Encarnação, tomando por referência a noção de arquétipo como manifestação do inconsciente coletivo, na senda de Carl Gustav Jung. O diálogo estabelecido entre arqueologia, epigrafia, etimologia, geografia e história das religiões serve de guia a um percurso que leva por destacados lugares da Península Ibérica, e ainda por alguns outros que se estendem para além dela, ancestralmente ligados às águas.

No âmbito da crítica textual, a noção de arquétipo é uma pedra basilar. A ordenação da forma cancionero petrarquiana é seguidamente estudada por Rita Marnoto, em função do conceito ecdótico de arquétipo, considerado na sua historicidade. O modo segundo o qual, ao longo dos séculos, a disposição sequencial das composições que constituem o Cancioneiro foi sendo concebida, bem como as questões de hierarquização, colocadas pelos testemunhos em causa, são pois explorados na sua correlação. Daí resulta que o tratamento da matéria requer a exposição do arquétipo a uma temporalidade que era já reconhecida pelos humanistas.

Nesse mesmo quadro metodológico, David González Ramírez analisa as questões colocadas pela identificação do arquétipo das primeiras traduções, para espanhol-castelhano, do *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, lançando as bases da sua edição. Sendo as duas mais antigas versões conhecidas anónimas e parciais, há a considerar, por um lado, o original italiano que lhes serviu de texto de partida e, por outro lado, o *stemma* que lhes é relativo. Nesse sentido, o estudioso da Universidade de Jaén lança o plano de uma edição crítica que tomará como texto-base a impressão sevillhana de 1496, a colacionar com a tradução manuscrita da Biblioteca do Escorial, e tomando como referência o manuscrito P do *Decameron*.

A exploração da noção de arquétipo, no campo disciplinar da ciência da informação, é desenvolvida por Maria Beatriz Moscoso Marques e Liliana Esteves

Gomes a partir de um amplo horizonte, dimensionado em termos epistemológicos, históricos e sociais. A análise do diálogo, estabelecido ao longo dos tempos, entre a ciência da informação e áreas disciplinares como a arquivística, a biblioteconomia, a museologia e a documentação, ilustra um percurso que fundamenta e esclarece o seu estatuto transdisciplinar. Acompanha a passagem de um paradigma custodial e pré-científico, vinculado à conservação material, a um novo paradigma pós-custodial e científico, mais apostado nos conteúdos. As autoras do artigo mostram bem as potencialidades que na atualidade se oferecem à ciência da informação, como espaço de simbiose entre essas duas vertentes, privilegiando a esfera pública.

O envolvimento, na didática da disciplina de História de Espanha, de arquétipos temáticos e disciplinares, é confrontado pelo grupo de investigadores, formado por Nicolás Martínez-Valcárcel, Ramón García-Marín e Martha Ortega-Roldán, com a evolução metodológica mais recentemente verificada em Espanha. A investigação, levada a cabo acerca da utilização de factos do presente e da respetiva adequação ao ensino da História de Espanha, baseou-se na experiência didática realizada em 23 escolas do nível secundário. Permitiu apurar quais os períodos do passado que, ao serem lecionados, congregaram um maior número de remissões para a contemporaneidade, quais os temas do presente contemplados e a que materiais mediadores se fez recurso.

Completa a secção de Artigos o estudo que João Luís Fernandes dedica à replicação, para fins turísticos, de arquétipos de paisagens e de lugares de lazer. A análise incide sobre múltiplas situações, que convocam paisagens, climas e enquadramentos sociais e antropológicos muito diversos. Paralelamente, são aprofundados os desafios inerentes às deslocalizações de índole uniformizadora e globalizante, manejados por este tipo de anatópias. Ao questionamento da relação entre original e replicação, realidade e fantasia, lonjura e proximidade, acrescenta-se a problematização da relação entre mundo global e espaço confinado.

Completam o número uma secção de recensões, bem como o convite à participação no próximo volume de *Biblos*, dedicado ao tema Dissidências.

Rita Marnoto

Coordenadora da Direção Executiva

Recensões

SANTAGATA, MARCO (2019).

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-6_11

Boccaccio. Fragilità di un genio.

Milano: Mondadori, 447 p.

In a literary criticism sphere as dense as the Giovanni Boccaccio's studies, the embodied volume by Marco Santagata distinguishes itself for being transversal, for presenting a reviewed prospect of the field, and for the material expansion it triggers. The advanced place that, in the history of literature belongs into the work of the *tre corone*, Dante, Petrarca, and Boccaccio, is correlated to the power of its contexture, conferring by itself an extraordinary complexity to the analysed theme. To that, it is added, just like in any classic, the width of a critical speech, generated among the centuries, which has been developed through an exponential growth. Even in any of the three cases — Dante, Petrarca, and Boccaccio —, the critical speech's origins go back to the times when writers were actually taking part into that dialogue themselves.

This remand to the work of the *tre corone* is essential to the comprehension of *Boccaccio. Fragilità di un genio*, as well as the context in which it has been written. In the heart of several themes to which Santagata has been dedicating his work, there has been defined a line that, in a continuous and articulated manner, has crossed the work of Dante, Petrarca, and Boccaccio. In the case of the first two writers, it contemplates both critical analysis and text edition. From 1988 on, the professor from the Pisa University has been publishing a series of volumes dedicated to Francesco Petrarca, inaugurated in that very year with *Petrarca e i Colonna* (1988), and sealed by *I frammenti dell'anima. Storia e racconto nel Canzoniere di Petrarca* (1992), which had a new edition in 2011. In parallel, Santagata has prepared the comment of the *Canzoniere* (1996) and coordinated the edition of *Trionfi. Rime stravaganti. Codice degli abbozzi* (1996) to the Meridiani from Arnaldo Mondadori. Regarding Dante Alighieri, between *Dante. Il romanzo della sua vita* (2012) and *Il racconto della Commedia* (2017), there were several other essays, as well as the coordination of the commented edition from the poet to the

Meridiani (2014). A Dante themed novel is to be added, *Come donna innamorata* (2015), Strega finalist award.

This said, *Boccaccio. Fragilità di un genio*, actually preceded by *Boccaccio indiscreto. Il mito di Fiammetta*, from the same year, comes as the ulterior piece of work, framing the *tre corone*. It should be outlined, for an audience who is less familiarised with Italian literature, that the interrelation in the work of *tre corone* is an acquired critic premise.

The central body of the volume is divided into three parts which, according to a chronological order, follow Giovanni Boccaccio's intellectual path: youth (1313-1340), maturity (1341-1360) and elderness (1361-1375). Each of them is internally organised into chapters and subchapters. The monographical profile of this essay reviews and articulates family relationships, intellectual and merchant education, places and journeys, social positioning, relationing manners, intellectual networks, contact and correspondence linkages, coeval testimonials, possessions, acquisitions and tributations. Placed in the core of this contexture, the writer's literary production shall be enlightened by a range of perceptions, which, besides enlarging and enriching its interpretation, corroborate its actual deepening.

One of the traits which immediately stands out to the reader is how, in its almost 300 pages, the treatment and exploration of intricate critic contents, sometimes saturated by the positions' debate, flow through a language showing plenty of clarity and simplicity. Not even the communicational plan — how it will be mentioned — is affected by the interposition of a detailed network of remands and quotations, opinions and counter-opinions about the matter. Furthermore, neither the critic's plan loses deepness or meaningfulness. In fact, the book is structured at several levels. After the referred central body from this volume, there is a section with numbered notes indicating the passages of Boccaccio, as well as other literary authors which keep being cited, by remission or transcription, and include the translation of each step in latin. However, it is after the bibliography that the master structure of *Boccaccio. Fragilità di un genio* is set up. This is the "Annotazioni" section, in which, through nearly a hundred pages the main ties of the Boccaccian criticism are discussed in a specific and supported way. In it lays the erudition body, whose illations are presented in the main body of the book.

In fact, the previous essay from Marco Santagata, *Boccaccio indiscreto. Il mito di Fiammetta*, structured around the figure of Fiammetta and which boasts a more academic profile, presents itself as the laboratory from where *Boccaccio. Fragilità di un genio* has come out. Thus, each reader is offered the possibility to build its preferential path across the volume, crossing contents from several sections or managing absolute choices.

By proceeding to an in-depth review of the Boccaccio's critique, Marco Santagata takes as reference points both great scholars that, between the late 19th and the early 20th century, have been dedicated to the writer (Arnaldo Della Torre, Attilio Hortis, Domenico Guerri, Francesco Torraca, Vincenzo Crescini), and the new generation that emerges after the post-war times (Giorgio Padoan, Giuseppe Billanovich or Vittore Branca, names that are worth so many others), as well as the numerous line-up of investigators who, throughout the more recent decades, have been exploring the work of Boccaccio and applying the methods of ecdotic. From this, it often results the identification, amongst the 19th century critique, of the origins of the view points and the information that, misplaced in its times, came to gain a new life through indirect causality. Following that circuit, results of more recent research are subject to a validation that confronts and regards solutions, either through developing logical paths leading to irrefutable conclusions, or recognising that the complexity of the matter or the kind of its sources justifies some previous careful consideration.

At the very first pages, there is an approach to the *vexata quaestio* of Boccaccio's birthplace. Despite having several indications pointing to the location of Certaldo, supported by a precision that even lists the existing fossils in the area, Marco Santagata does not exclude the hypothesis that the birthplace was Florence, considering an epistle written by Boccaccio at an advanced age and the work *De montibus*. Nevertheless, Santagata does not take into account the Paris hypothesis, showing how eventual self or autobiographical mentions from Boccaccio to Paris are either framed into a context of parody or dependent on a fictional coherence. There is a different position assumed by the author of *Boccaccio. Fragilità di un genio*, regarding the first works' chronology. The line-up chain *Caccia di Diana*, *Filocolo* and *Filostrato* is confirmed by a chronological analysis which brings to

the collation a broad and even tortuous sequel, among projections which, coming from the 19th century, still have echoes nowadays.

Besides that, one of the fields in which the shrewdness of this essay outcomes is the literary relation of Boccaccio with Dante as well as with Petrarca. In the case of Petrarca, it was also experiential. Santagata shows how, at *Decameron*, Boccaccio follows the trays of *Commedia*, not only in the poetics plan — in a book that starts poorly and ends up well, according to the epistle, of dantian attribution, to Cangrande della Scala — but also in terms of discursive field and historical integration. Following the same track, Boccaccio is elected as one of the writers of the 14th century who understood best the dialogue that Dante instituted between vulgate and Latin. Besides, the meeting with Petrarca is interpreted not only as the nodule which directed the humanism of Boccaccio in a ethic sense, but also as the spring — *la molla*, Santagata writes — which has launched the *Decameron*. Both the *Decameron* and the *Canzoniere* represent macrotxts composed by several microtexts, the first in prose, the second in verse. Nevertheless, Santagata notes the precedency is held by Boccaccio. Therein is the line uniting between two other crowns — Dante and Petrarca — drawn by Boccaccio, and therein lays the fragility of a genius.

Geniality and fragility open the reception trajectories for this writer, right from the beginning with *Griselda*. In the sequence of other critiques, Marco Santagata admits that the translation to latin, elaborated by Petrarca, of the last novel of *Decameron*, could have never been known by Boccaccio. The fact is that the reception of *Griselda*, both in vulgate as in Latin, was portentous, and Portugal is not an exception. Exceptional is the critique empty space observed in field of Boccaccio reception studies in Portugal, which is so deep and where it is possible to distinguish, just like residual points of light, the interventions of Piero Ceccucci.

RITA MARNOTO

rmarnoto@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centre International d'Études Portugaises de Genève
<https://orcid.org/0000-0003-0319-4026>